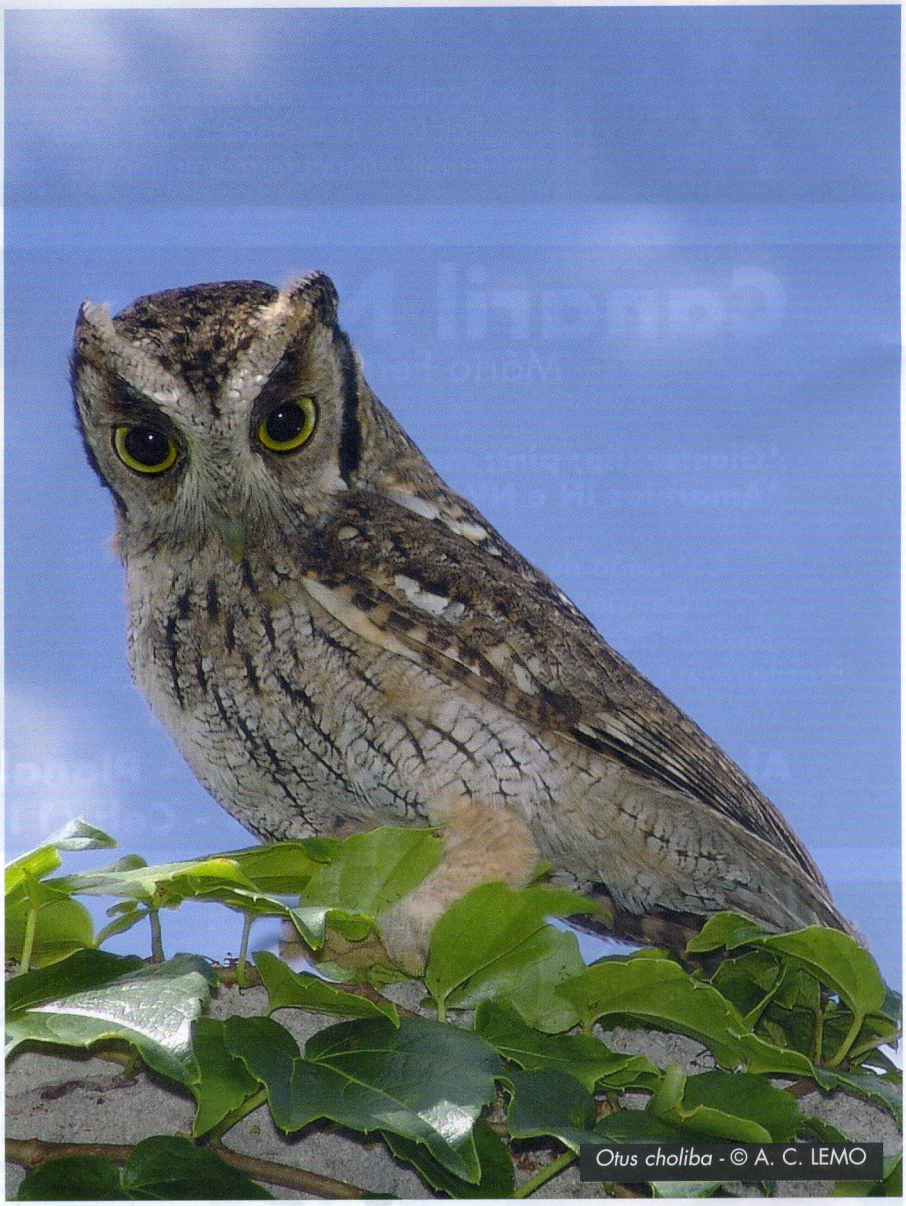
Maria Paula Vianna Arroyo Lemo
Fotos - Antonio Carlos Lemo

Corujinha-do-mato

(Otus choliba)

Classificação científica
Reino: Animalia
Filo: Chordata
Classe: Aves
Ordem: Strigiformes
Família: Strigidae
Genero: *Otus*
Espécie: *O. choliba*
Nome científico: *Otus choliba*
Nome popular: Corujinha-do-mato, Caburé-de-orelha, Corujinha-orelhuda, Corujinha-de-orelha e Piré-cuí.

Etimologia: *Otus* vem do grego otos que significa coruja orelhuda **e** *choliba* vem de chóliba, nome local aragonense (Espanha) para esta ave.


Otus choliba - © A. C. LEMO

A Corujinha-do-mato ocorre desde a Costa Rica na América Central até a Bolívia, Paraguai, Argentina e todo o Brasil na América do Sul. Ela tem preferência pela orla das matas, cerrados e regiões habitadas pelo homem como propriedades rurais e áreas urbanas onde ela se alimenta com facilidade de insetos atraídos pelas luzes, principalmente de postes.

Morfologia: tamanho médio de 22cm, envergadura de 54cm, peso entre 97 e 134gr. Macho e fêmea da *O. choliba* tem praticamente o mesmo tamanho e características, a fêmea é ligeiramente maior, diferentemente das outras espécies de corujas quando a fêmea tem tamanho explicitamente maior do que macho e o dimorfismo sexual é acentuado. A plumagem é extremamente macia e altamente críptica (serve para ocultar) devido à necessidade de proteção durante seu pouso diurno quando é presa fácil aos seus predadores. O desenho da plumagem é semelhante à casca e galhada onde pousam durante o dia e varia muito, não existem dois indivíduos iguais. Possui dois pequenos tufos de penas acima dos olhos que se assemelham a pequenas orelhas, mas nem sempre estão visíveis. Seu vôo é silencioso em adaptação à vida crepuscular-noturna e à importância de surpreender a caça para sua alimentação. A audição das corujas é aper-

feiçoada pois elas tem um disco facial de penas que reflete e amplia o volume do som facilitando a localização da presa pelo ouvido, além de seus ouvidos externos serem assimétricos na inserção da altura no crânio facilitando a focalização do som, um lado focaliza para cima e outro para baixo, elas são hábeis em reconhecer sons extremamente fracos e podem "discernir na multidão de ruídos aqueles que lhes são vitais, como o leve rumor de um camundongo andando no solo (SICK, 2001,p.396)." Sua capacidade visual é praticamente tão eficiente quanto a acústica, pois apesar de ter olhos grandes eles são quase imóveis mas é compensado pela grande agilidade da cabeça que pode girar até 270º, é um tipo de visão telescópica. A *O. choliba* tem a íris amarela, existem exceções com íris parda, mas só é perceptível durante o dia, no crepúsculo e noite sua pupila dilata para a entrada de toda luz possível ficando com os olhos negros e não dão reflexos quando atingidos por luz de lâmpadas.

Canto: o canto é muito parecido com a vocalização de anfíbios, lembra o canto do Sapo-cururu. A voz tem uma seqüência ascendente e acelerada. Ambos os sexos cantam o que pode ser em dueto ou diálogo, a voz da fêmea é mais alta, pesada que a do macho. Pode ocorrer uma intensa atividade canora entre dois machos vizinhos. Geralmente as corujas não abrem o bico quando gritam, seu canto é mais freqüente no sudeste do Brasil nos meses de agosto e setembro principalmente nas noites quentes e calmas. "Todas as corujas, mesmo os filhotes, estalam com o bico, batendo as mandíbulas (SICK, 2001,p.397)."

Alimentação: a maior atividade caçadora acontece no lusco-fusco e começo da noite até às 21 horas, pode haver variações nesse horário dependendo da visibilidade como a existência de luar intenso, mas sua orientação para caça é mais acústica do que visual, devido a sua audição especializada como foi descrito anteriormente. Sua alimentação é composta basicamente de insetos como gafanhotos, besouros, baratas, etc, também pode apanhar pequenos roedores, lagartos e rãs. Para auxiliar na captura da presa seu dedo externo pode virar voluntariamente para traz reforçando o hálux (dedo posterior) para segurar a caça. Ao capturar a presa em vôo emite o estalido sonoro com o bico.

Otus choliba - © A. C. LEMO

Hábitos: a *O. choliba* é uma coruja de hábito crepuscular, ela geralmente aproveita a iluminação artificial para caçar besouros, por isso prefere as áreas povoadas e é comum nas cidades quando há arborização suficiente. Elas gostam de banhar-se na chuva, geralmente buscam abrigos diurnos em buracos de árvores. A descoberta por outras aves de uma coruja em seu esconderijo irrita certos pássaros, sobretudo beija-flores cujos gritos de advertência revelam a presença da coruja, podendo torná-la uma presa fácil aos gaviões. "Quando a passarada começa a molestá-la, a coruja atura com indiferença por algum tempo mas acaba por sair a

procura de outro esconderijo (SICK, 2001,p.399)."

Reprodução: na sua maioria criam em ninhos abandonados de outras avés, em árvores ocas ou buracos feitos por pica-paus. "No cerrado a *O. choliba* pode ocupar um cupinzeiro arbóreo furado por periquitos (SICK, 2001,p.398)." Geralmente põe três (3) ovos brancos, quase redondos, às vezes ovais, a forma varia. A fêmea pode começar a chocar após ter posto o primeiro ovo o que ocasiona diferença na eclosão e tamanho dos filhotes, a incubação dura de três (3) a quatro (4) semanas e abandonam o ninho após três (3) a cinco (5) semanas do nascimento. A penugem natal dos filhotes é substituída por uma segunda geração de plumas, que ainda existe quando o filhote sai do ninho e ainda cobrem o corpo quando as rêmiges e retrizes vêm com a plumagem definitiva e habilitam a ave a voar. Essas duas gerações de lanugem, penas dos filhotes, são particularidade das corujas.

Preservação e Folclore: as corujas são importantíssimas no equilíbrio ambiental e cadeia alimentar pela constante destruição de insetos e roedores, merecem e devem ter proteção integral. A superstição que a coruja é uma ave agourenta deve ser combatida, devemos respeitar os índios que segundo Sick (2001,p.399) adoram as corujas e aos matutos que atribuem ao caburé (ave noturna) o dom de dar boa sorte.

A Corujinha-do-mato das fotos desse artigo estava em nossa casa e pudemos fotografá-la em plena luz do dia, mas passado algum tempo não mais a vimos, depois de pesquisar para esse artigo percebemos, com espanto, que provavelmente ela foi expulsa pelos muitos beija-flores que freqüentam um bebedouro de nosso quintal! Simplesmente incrível a natureza.

Otus choliba - © A. C. LEMO

Lenda Indígena

Conta-se que, quando se formou a floresta amazônica, vários pássaros reuniram-se para decidir qual deles seria eleito o chefe dos grupos, a fim de determinar os locais de moradia. Houve muitas discussões, sem nenhum acordo. Todos os pássaros se espalharam em desordem até que uma velha coruja resolveu o impasse, determinando que o tucano, mais apto a escalar, devido às suas garras fortíssimas, usaria os galhos mais grossos nascendo perto do tronco.

A arara com sua agilidade em utilizar o bico, ficaria com os galhos mais altos e mais finos. A coruja, por sua vez, resolveu utilizar todos os tocos altos para ficar de guarda durante a noite. Até hoje a coruja é tida como sábia, esperta, cuidadosa; a arara prima pela beleza, agilidade e elegância, enquanto o tucano simboliza a força, a coragem. Os povos indígenas, no intuito de se verem beneficiados com essas qualidades, se enfeitam com desenhos ou objetos caracterizando estes pássaros: a arara, o tucano e a coruja.

Lenda Urbana

Aconteceu na cidade de Santos, SP, em 29 de abril de 2004 durante a cerimônia de inauguração da Creche Municipal Professor Walter Sampaio, a personalidade homenageada já falecido e notório admirador de corujas, seu animal preferido. Pois uma coruja esteve durante toda a cerimônia que aconteceu em plena luz do dia pousada no madeiramento de sustentação do telhado, como se também estivesse fazendo sua homenagem ao Prof. Walter Sampaio, episódio que emocionou os presentes e entrou para o hall de histórias e lendas da cidade.

Fontes:

SICK, H. **ORNITOLOGIA BRASILEIRA.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

<http://www.aultimaarcadenoe.com/corujas.htm>. Acesso em: 02 jan. 2007.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Corujinha-do-mato>. Acesso em: 02 jan. 2007.

<http://www.ensino.ib.unicamp.br/v2/dadosdomaterial.php?idmaterial=398>. Acesso em: 02 jan. 2007.

<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/especiais/aves_no_campus/f_tyto_strigi.html>. Acesso em: 02 jan. 2007.

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0254.htm>. Acesso em: 15 jan. 2007.